

# AS REPERCUSSÕES

## **Marcílio teve a boa vontade dos bancos. Comigo, foi o contrário,**

Zélia Cardoso de Mello

**Álcides Tápias, presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban)** — O acordo possibilitará a redução dos custos de novos empréstimos, uma vez que o risco de crédito em relação ao país diminui sensivelmente com as condições acertadas. Agora, é preciso promover uma redução das despesas públicas e aprovar um novo código tributário.

**Luiz Antônio de Medeiros, presidente da Força Sindical e do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo** — O país pode voltar a crescer com a assinatura do acordo, mas precisamos de novas medidas do Governo.

**Luciano Coutinho, economista da Unicamp** — O acordo não é espetacular. O problema da dívida ainda não foi equacionado e ela será um fardo que o país terá de carregar.

**Fernão Bracher, ex-presidente do Banco Central** — O acordo representa o restabelecimento da normalidade na economia brasileira.

**Antônio Bornia, vice-presidente do Bradesco** — O acordo recolocará o Brasil de volta no sistema financeiro internacional. É uma primeira etapa para resolver os problemas econômicos do Brasil.

**Antônio de Pádua Seixas, diretor do Banco Pactual** — O fechamento do acordo é importante porque retira um dos empecilhos à normalização da economia brasileira.

**Edmar Bacha, economista da PUC** — Tudo indica que o acordo é satisfatório. Mesmo antes de ser concluído, foram reabertas as oportunidades de entrada de recursos externos no país. Pena que nas circunstâncias atuais não se possa juntar ao acordo uma política monetária mais branda, em função dos problemas políticos e de a inflação ainda estar alta.

**Antônio Cláudio Sochaczewski, presidente do Banespa** — Com o acordo, o Brasil está de volta ao mercado financeiro internacional.

**Alvaro Augusto Vidigal, presidente da Bovespa** — O acordo pode trazer investimentos estrangeiros ao Brasil. Mas é preciso também ver se a instabilidade política não prejudicará o fluxo de capital, extrapolando o acordo.

**Edson Vaz Musa, presidente do grupo Rhodia** — O Brasil tinha três obstáculos a vencer: baixar a inflação, reformar a Constituição e renegociar a dívida. Vencemos um deles.

**Robert Mangels, presidente da indústria de aços Mangels** — Fiquei feliz com a assinatura do acordo, pois precisamos que o Brasil participe cada vez mais da economia mundial.

**Luiz Fernando Furlan, presidente da Abrasca e vice-presidente executivo da Sadia** — O Brasil agora ficou com a ficha limpa no exterior.

**José Mindlin, vice-presidente da Fiesp e presidente da Metal Leve** — As condições do acordo permitem a volta de investimentos externos, o que contribui para reativar a economia.

**Manoel Pires da Costa, presidente da Bolsa de Mercadorias e de Futuros (BM&F)** — O acordo permite que o Brasil passe novamente a ser parceiro da comunidade econômica internacional.

**Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo, secretário especial de Assuntos Internacionais do Governo de São Paulo** — As taxas de juros fixas incluídas nas condições para o pagamento da dívida são um avanço, mas o desconto de 35% foi irrisório.

**José Geraldo Gardenalli, presidente da Ordem dos Economistas de São Paulo** — O acordo é positivo e recoloca o país na comunidade financeira internacional, permitindo a entrada de novos investimentos.

**Paul Singer, economista e secretário de planejamento da Prefeitura de São Paulo** — O Governo apressou o acordo devido aos problemas políticos. Ele poderia ter alcançado condições melhores. O fato não é importante, pois não resolve os problemas da economia do país, que é regida pela inflação.

**Na página 22, "Collor usa rede nacional para explicar acordo"**